

HISTÓRIA INVENTADA: RELAÇÕES ENTRE (IM)PREVISÍVEL E RASURA

EDUARDO CALIL DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RESUMO

Este artigo pretende iniciar uma reflexão sobre a homonímia como efeito do processo de criação, a partir da articulação teórico-metodológica entre três conceitos (ou seria apenas um, mas nomeado de diferentes formas?), a saber, a noção de “estabilidade/instabilidade” presente nos trabalhos de Willemart (1996), a de “previsibilidade/imprevisibilidade” conforme apresenta Lemos (1996, 1997) e a noção de “equivoco” em Pechêux (1983). Essas três nomeações parecem supor como ponto comum a existência da “lalíngua” incidindo em todo processo discursivo e afetando o sujeito na relação com o texto e criação de histórias. Esse seria o ponto de partida para abrir uma interlocução com os pesquisadores dos manuscritos literários que têm objetos de estudos e procedimentos metodológicos diferentes do meu (relação sujeito/texto na aquisição de linguagem escrita), porém com aproximações teóricas que um olhar mais atento poderia surpreender.

RÉSUMÉ

Cet article prétend commencer une réflexion sur l'homonymie en tant qu'effet dans le procès de création, à partir de l'articulation théorico-méthodologique entre trois concepts (qui n'en sont sans doute qu'un, mais désigné d'une autre façon?), à savoir: la notion de "stabilité/instabilité" (Willemart, 1996); la notion de "prévisible/imprévisible" (Lemos 1996, 1997) et la notion "d'équivoque" (Pêcheux, 1983). Ces trois concepts font penser à l'existence de "lalangue" comme point commun et qui intervient dans tout le procès discursif, capable d'agir sur le sujet dans la relation avec le texte et la création d'histoires. Celui-ci serait le point de départ d'une interlocution avec les chercheurs des manuscrits littéraires que n'ont pas les mêmes procédés méthodologiques que les miens (relation sujet/texte dans l'acquisition du langage écrit), mais qui ont, par contre, une proximité théorique qu'un regard attentif pourrait surprendre.

ABSTRACT

The aim of this article is to begin a discussion about the homonymous as effect of the process of creation, having as the starting point the theoretical and methodological articulation of three concepts (or would it be one, with different names?): the concept of stability/instability (Willemart, 1996), previsibility/unprevisibility (Lemos, 1996, 1997) and "equivocation" (Pêcheux, 1983). These three concepts seem to have as common point the existence of "lalangue" affecting every discourse and affecting the subject in the relation with the text and the creation of stories. This would be the starting point to establish a dialogue with the researchers of literary manuscripts that have object of study and procedures different from mine (relation subject/text in the acquisition of written language), but with theoretical approximations that a detailed analysis may detect.

OS DESLIMITES DA PALAVRA

MANOEL DE BARROS

Que há tropeços no dizer ninguém pode ignorar. Lapsos, atos falhos, chistes são alguns desses escorregões com os quais o falante se confronta quando isso irrompe em sua fala e joga o sentido para zonas obscuras, ocultas e cifradas. Freud astuciosamente deu visibilidade para essa dimensão do dizer e sua relação com o inconsciente. A (im)previsibilidade que esse jogo produz tem um estatuto constitutivo da relação sujeito-linguagem e seus efeitos podem ser discutidos em três campos teóricos distintos, com objetos de estudo específicos, mas bordados pela psicanálise lacaniana.

Da Crítica Genética representada por Philippe Willemart, da Análise do Discurso vinculada a Michel Pêcheux e das reflexões de Claudia Lemos em torno dos processos envolvidos na aquisição de linguagem, destacarei as formulações em torno dessa noção, com o objetivo de precisá-la diante do estudo que venho desenvolvendo sobre a rasura no processo de criação de histórias inventadas escritas por crianças.

IN(E)STABILIDADE NA CG

Os manuscritos, as notas, as anotações, os rascunhos, as cartas deixadas pelos escritores consagrados são os objetos de estudo dos críticos genéticos. É desse lugar que Willemart (1993, 1995, 1996) tenta estabelecer alguns pontos de reflexão sobre os mistérios do processo de criação literária, que as modificações desses documentos podem trazer, não como um texto mais bem escrito ou uma variante do texto editado, mas sim como a busca de uma lógica do significante como posta pela psicanálise de Jacques Lacan.

No corpo escritural que esses textos formam, no jogo da instabilidade/estabilidade, como chama Willemart (1996), o poeta ou o escritor é apenas um “operador” submetido às leis que regem o funcionamento do inconsciente, colocando o ato poético como exemplar desse movimento.

Em uma aproximação entre o verso e o espaço de colisão das partículas proposto pelo químico Prigogine, Willemart enuncia:

as 24 letras, as palavras ou mesmo a ordem sujeito, verbo, complemento, ou as categorias substantivo e verbo, uma vez mergulhadas no ato poético, adquirem ou readquirem uma instabilidade e uma imprevisibilidade exemplar. O processo escritural ou artístico tem a capacidade de eliminar a estabilidade das letras e das palavras ou de estender as condições iniciais a um grau infinito, o que permite um retorno a sua própria história e a recuperação de uma instabilidade criadora. As colisões provocadas no verso provocam perturbações que impossibilitam o domínio do processo e tornam imprevisíveis as conseqüências (1996: 34) (grifo meu).

Como ele também diz no livro *Universo da Criação Literária* (1993: 69), o ultrapassamento do escritor diz da impossibilidade de controle e de “forças inconscientes” que atuam para além do previsível e a rasura como marca dessa instabilidade que i(nte)rrompe (n)o processo de escritura e joga o escritor para um lugar de desconhecimento.

Aproximando a posição do “homem-escritor” diante da página em branco à de um analisando que, por meio dos lapsos e sonhos, deixa entrever a ação do Real, a rasura testemunharia a incidência desses imprevisíveis que revelam as formações do inconsciente. Esse corte que constitui a rasura é da ordem do simbólico e produz diferentes consistências no texto, remontando uma operação imaginária no sujeito. A rasura atuaria como reflexo da ação de um Terceiro (Outro) que “destrói um sentido dado, o perturba ou o suspende e obriga o *scriptor* a *criar um novo sentido ou um novo imaginário*, segundo um tempo lógico não redutível a uma simples substituição” (1993: 71 e 72) (grifo meu).

Isso põe em questão o estatuto da rasura e sua relação com o imprevisível, já que inconsciente e língua parecem estar aí implicados. A rasura diante disso estaria sempre refletindo um movimento de criação poética? Alçando a rasura a uma miragem desse impre-

visível, índice de não-saber ou do saber inconsciente, como entender aqui o espaço ou a articulação entre inconsciente e língua? De que língua se está falando quando ela passa a comportar essa dimensão no sujeito? São indagações que fogem aos limites deste texto mas que não deixam de interrogar essa relação.

EQUÍVOCO DA LÍNGUA NA AD

Saindo do registro da literatura e da reflexão em torno do processo de criação para a Crítica Genética e entrando na teoria do discurso formulada por Pêcheux, o equívoco, tomado como fato lingüístico estrutural, também é explicitamente atrelado ao real da língua, isto é, à *lalíngua*. Conforme Milner, no livro *O amor da Língua* (1987), *lalíngua* é a possibilidade de pensar o entrelaçamento língua e inconsciente; é supor um “impossível de dizer, impossível de não dizer de uma certa maneira” (p. 18). Nessa articulação, ainda lendo Milner, a língua só pode ser pensada suportando o real da *lalíngua*, suportando um não-todo jamais alcançável. É nessa direção que Gadet & Pêcheux escrevem:

o real da língua [...] é atravessado por falhas, atestadas pela existência do lapso, do Witz, e de séries associativas que o desestratifica sem o apagar. A não-identidade que se manifesta pressupõe lalíngua, enquanto lugar onde se opera o retorno do idêntico sob várias formas; a repetição do significante dentro da lalíngua não coincide com o espaço do repetível próprio da língua, mas ela o funda, juntamente com o equívoco que afeta este espaço: aquilo que faz com que em toda língua um segmento possa ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro, através da homofonia, da homossemia, da metáfora, do deslizamento do lapso e do jogo de palavras, e do duplo sentido dos efeitos discursivos (1981: 51)

Essa operação remonta “pontos de deriva possíveis” em todo e qualquer enunciado, já que comporta a possibilidade de sempre tor-

nar-se outro (Pêcheux, 1990: 53). A falta que exige que se pressuponha o real da língua é materializada no insuspeitável de um cruzamento entre o previsível e o imprevisível, por meio de um jogo que escapa ao sujeito. O que escapa é essa dimensão fundante do equívoco, em que um elemento pode vir a se transformar em outro (M. T. Lemos, 1994: 27), levando o sujeito a reboque.

Basta falar para que isso se imponha. Nesse sentido, a imprevisibilidade da Crítica Genética fortemente marcada pelas “forças inconscientes” ou o equívoco postulado acima como fato lingüístico estrutural é uma condição do dizer, do escrever tanto presente no discurso ordinário quanto no discurso literário, apesar de este último conservar como característica primordial seu valor estético.

Se o imprevisível atua como uma quebra, uma falha do dizer, um lapso, posso supor aí uma correlação ou uma inerência à escuta. O que provoca incêndio no processo discursivo e tem o estatuto dessa falha, uma vez escutado, sempre aparece apagando, rasurando, hesitando o que era esperado, mesmo que essa rasura não esteja presente na forma gráfica, seja uma reformulação oral. Há aí, entretanto, uma necessária interpretação da imprevisibilidade que emerge no dizer que deve ser relacionada à noção de estranhamento e de escuta. Em outras palavras, para que o imprevisível seja reconhecido, é preciso que haja uma escuta e um estranhamento (escutranhamento) de algo que aparece no dizer e não era esperado. Essa interpretação é um efeito da própria fala ou escrita sobre aquele que fala ou escreve. Mas, se quem escuta, escuta de algum lugar, é preciso supor também uma posição de subjetivação que interfere nas possibilidades de interpretação dentro daquilo que está estabilizado no funcionamento da língua.

Embora, do que precede, a imprevisibilidade e a rasura possam ter sido postas como constitutivas do funcionamento da língua, ainda é preciso tentar estabelecer as leis que as determinam.

(IM)PREVISIBILIDADE NA AL

Retornando ao Saussure da teoria do valor em que “um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue ou a ambos” (Saussure, 1987: 13), Lemos inscreve a

imprevisibilidade como condição para a “liberdade das combinações” presente na cadeia sintagmática:

a qualquer ponto da cadeia, qualquer elemento pode abrir espaço para outros, o que significa que a estratificação da cadeia em palavras ou em frases corre sempre o risco de se desfazer e de se refazer (Lemos, 1995: 15).

O imprevisível só pode ser pensado como efeito da diferença constitutiva da língua. Isso implica tomar a linguagem como realização do simbólico enlaçado com o registro imaginário e real. O sujeito está aí subjetivado como efeito de funcionamento lingüístico-discursivo que é regido pelos processos metafóricos e metonímicos, “leis de composição interna da linguagem” (Lemos, 1998: 159). A articulação desses processos que se dão por meio da relação entre elementos latentes e manifestos na cadeia convoca algo que a eles escapa e que aqui assume o estatuto de imprevisibilidade.

O processo metafórico pode ser definido pelas relações que um elemento manifesto guarda com a cadeia latente. Estas relações se dão, como diz Lemos (1998: 160), “tanto pela ausência do elemento substituído quanto na presença que dele guarda a cadeia”. Não é possível pensar isso sem supor que aí também está constituído o processo metonímico que se dá a partir da contigüidade posicional, pois na medida em que um elemento traz sua relação com o que está presente/ausente como parte que representa o todo e vice-versa, ele também ressignifica o que foi e está sendo posto no encadeamento do dizer.

A imprevisibilidade, que só pode ser reconhecida se houver um estranhamento e ressignificada a partir de uma escuta, encontra nessas leis um de seus mecanismos mais poderosos. É no movimento da cadeia significante que ela emerge e ganha um certo vislumbre no processo de significação.

IMPREVISÍVEL E RASURA NA TEXTUALIZAÇÃO DE UMA
HISTÓRIA INVENTADA

Para dar um contorno mais afiado dessa noção de imprevisibilidade e sua relação com a rasura em “histórias inventadas” que Isabel e Nara – duas crianças que estudavam na 1.^a série de uma escola particular, em São Paulo – estão escrevendo juntas, irei mostrar como se dá o movimento de criação de nomes de personagens.

Antes, porém, de mostrar os dados, faz-se necessário dizer que estou tomando a rasura que se passa durante a “combinação” entre as duas meninas do que irão escrever posteriormente. Nesse caso, não irei analisar a rasura deixada no papel ou a rasura gráfica, como faz a CG ou os estudos por meio dos manuscritos literários, ou os estudos em Gênese do Texto escrito por crianças. É preciso discutir o estatuto dessas marcas orais e escritas e, talvez, até precisá-las dentro de sua especificidade, como propõe Faria (1997). Porém prefiro supor que tanto a “rasura oral” quanto a “rasura escrita” fazem parte de um mesmo funcionamento lingüístico-discursivo e aparecem como efeito de uma escuta que demanda uma interpretação.

Fragmento 1

(COMEÇANDO A COMBINAR A HISTÓRIA)

1 ISABEL: “Bom... éé... história inventada ou história.... aii... qui qui a gente...”

2 NARA: “...escreve...”

3 ISABEL: “(DIZENDO COMO QUEM ESTÁ LEMBRANDO QUE SE DEVE ESCREVER O TÍTULO DA HISTÓRIA.) Título!”

4 NARA: “Título eu sei que a gente vamo escrevê!”

5 ISABEL: “...éé... título a gente escreve depois...”

6 NARA: “E fim!.. Fim...”

7 ISABEL: “(COM VOZ MUITO BAIXA.) fim... a gente escreve... um menino chamado fim... a mãe chamava...”

8 NARA: "(FALANDO ALTO.) Espera... você me deu um boa idéia."

9 ISABEL: "Calma! Era..."

10 NARA: "Era um menino chamava fim..."

11 ISABEL: "...e a mãe chamava fima e o pai chamava fimo (RINDO.)"

12 NARA: "Ah! Não, fumo o pai chamava... e a mãe chamava fina... (RINDO.)"

13 ISABEL: "fina... e o fim chamava... e o... e o filho chamava fim."

14 NARA: "Fim."

Isabel, ao enunciar "título" no turno 3, coloca em cena um termo que irá produzir efeitos diversos e inusitados nessa prática de textualização. Provavelmente, decorrente de uma certa prática pedagógica de escrever primeiro o título da história que se escreverá, nesse momento, o enunciado "título" convoca por contigüidade a possibilidade de escrever depois "fim" (turno 6 Nara).

Imediatamente após isso, o imprevisível, nessa série associativa "título-fim", faz furo na ordem do que é estabilizado. Há uma falha, um tropeço, um deslocamento metonímico do significante "fim" que, por meio de um registro simbólico, desmancha uma via imaginária para reconstituir novamente em outro lugar e, a partir disso, fazer novamente signo, constituir novamente uma unidade.

Efeito dessa imprevisibilidade, esse movimento produz um apagamento ou rasuramento – apesar de ser posto na oralidade das crianças – de um sentido estável, a saber, do fato de "sempre que se termina uma história se escreve a palavra 'fim', que significa 'agora acabou a história'".

Quando "fim" é posto na posição de nome próprio no enunciado "um menino chamava fim", há aí uma relação metafórica com nomes que as pessoas possam vir a ter. Os elementos da cadeia manifesta são todos ressignificados a partir desse imprevisível e toda a possibilidade de criação da história e dos nomes dos personagens fica afetada pela homonímia que aí se instaura, produzindo o efeito chistoso do texto que estão escrevendo.

A substituição de "fimo" por "fumo" e de "fima" por "fina" nos

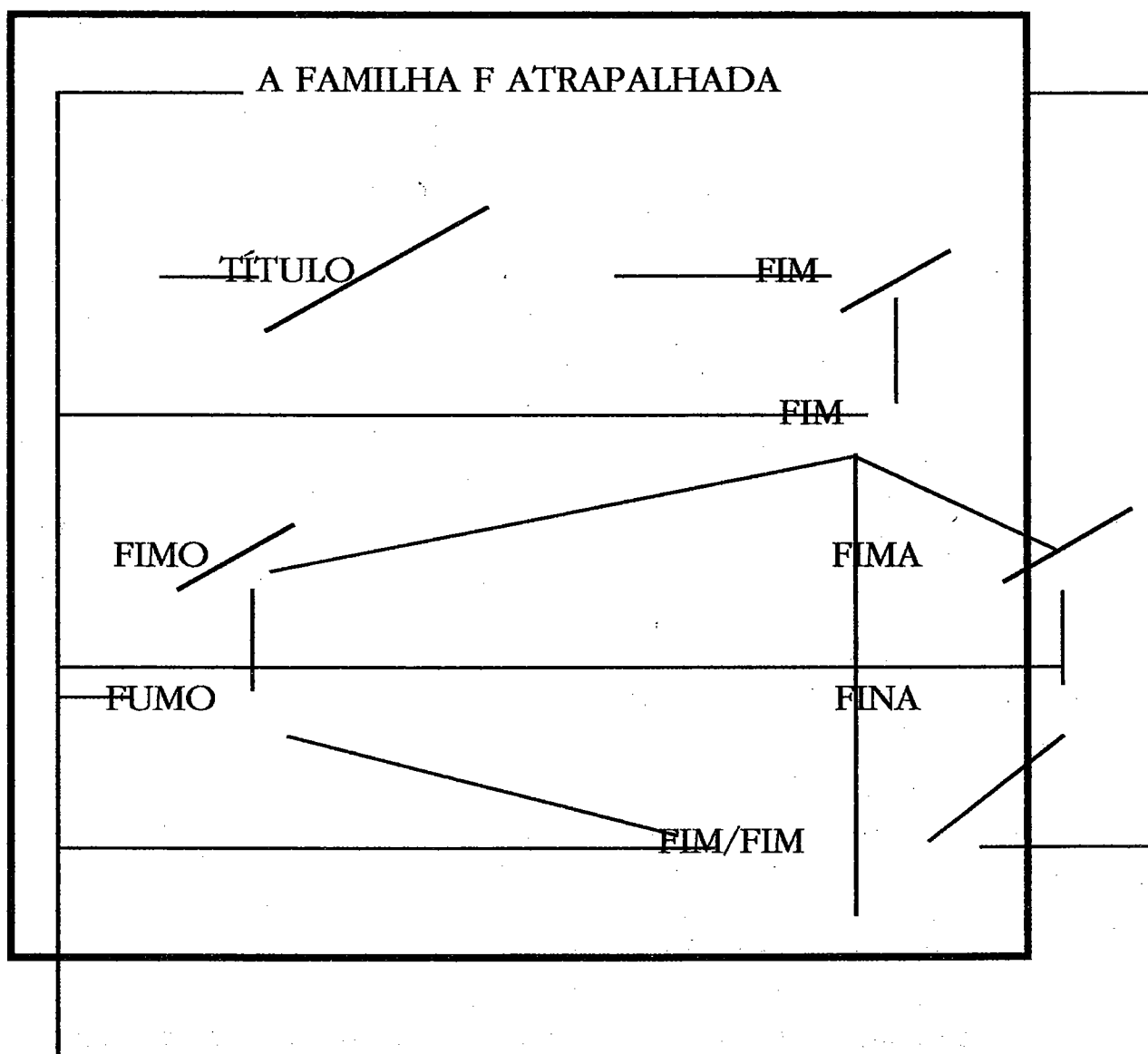
turnos 11 e 12 vem indiciar esse entrelaçamento dos processos aqui em funcionamento. Para entrar no lugar de nome de personagem da história, pai e mãe do personagem Fim, é fundamental que o elemento manifesto guarde uma relação de equivalência com o que foi posto antes. Não basta a regra da língua de formação de gênero para garantir sua entrada. É preciso que se opere aí a imprevisibilidade produzida pela homonímia e assim ateste um sentido já estabilizado, mas que na relação com os outros elementos da cadeia manifesta ganhe um novo sentido, um sentido inesperado que o movimento imprevisível do significante produz na cadeia da fala. Nesse caso, o corte operado pela rasura vem desenhar a criação na textualização ora apresentada, mesmo que esta não tenha valor estético.

O valor do nome próprio é adquirido na colisão de Fumo e Fina com os outros elementos da cadeia. Isso é o que já está dito desde Saussure: o signo lingüístico ganha seu valor na relação de diferença que implica um espelhamento entre oposições e semelhanças. Daí não se poder falar em categorias lingüísticas como substantivos, verbos e adjetivos dados previamente, pois, se na língua há imprevisibilidade, como supõe os três campos teóricos abordados, essas unidades, na sua efemeridade, ganham seu estatuto só depois de faladas, ou postas em relação na cadeia significante.

Semelhanças e diferenças escorrem entre Fim, Fumo e Fina. A metáfora do F é evidente, mas só pode ser entendida nisso que traz as relações familiares e toda inscrição histórica que esse processo de nomeação carrega, a saber, nomear as pessoas de uma família repetindo a primeira letra em todos os nomes. A operação metafórica tem uma tal força que o título enunciado e escrito pelas crianças é como que uma condensação disso tudo: "A família F atrapalhada".

O jogo da homonímia atinge seu grau máximo quando as crianças escrevem no final da história "Fim" significando que terminou a história, como normalmente fazem, e após isso acrescentam, não sem darem muitas risadas, uma última fala do personagem-menino: "estão me chamando!!!".

Para visualizar um pouco melhor esses movimentos, pode-se esboçar mais ou menos o quadro:



Analisar a imprevisibilidade representada pela rasura é articular a relação entre a língua, seus operadores e o inconsciente freudiano, o que é uma exigência imperiosa a qualquer um que se aproxime de uma dessas categorias, tal a sincronização entre elas. Se a língua é operada pelos movimentos da metáfora e da metonímia como constitutivos do discurso, não podemos elidir daí a noção de inconsciente que determina o evento da fala. Fala esta que, circunscrita por essas operações recortáveis em sua universalidade, é radicalmente marcada pela singularidade do sujeito do inconsciente, sobredeterminado sempre por uma anterioridade regida por uma lei que em UM faz uma metáfora, em que reina o simbólico na costura possível do não-todo sempre anunciado nas infinitas rasuras inscritas na língua.

BIBLIOGRAFIA

- CALIL, E. (1997) "Autoria como movimento de escuta" (trabalho apresentado no XI Cole – Campinas, em julho de 1997. Encontra-se no prelo, devendo ser publicado na revista *Leitura* da Universidade Federal de Alagoas).
- GADET, F. e PECHEUX, M. (1981) *La langue introuvable*. Paris: Maspero.
- LEMO, C. T. G. (1995) "Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem". *Letras de hoje*, 102, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 9-28.
- _____. (1998) "Os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança". In: *Substratum: temas fundamentais em Psicologia e Educação*, v. 1, n.º 3. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 151-72.
- LEMO, M. T. (1994) "A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem". Tese de doutorado, IEL/Unicamp.
- MILNER, J-Cl. (1987) *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- PÊCHEUX, M. (1990) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- SAUSSURE, F. de (1987) *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.
- WILLEMART, P. (1993) *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp.
- _____. (1995) *Além da Psicanálise: a literatura e as artes*. São Paulo: Nova Alexandria/Fapesp.
- _____. (1996) "Instabilidade e estabilidade nos processos de criação no manuscrito literário". *Manuscrita: revista de crítica genética*. São Paulo: AnnaBlume/Associação dos Pesquisadores de Manuscritos Literários, p. 21-44.